



# **Universidade de Évora**

Departamento de Pedagogia e Educação

**Mestrado em Ensino do Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e de Espanhol/Francês nos Ensinos Básico e Secundário (cód: 198) (sigla: B\_M\_EPEF)**

Especialidade em **Ensino do Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e de Espanhol dos Ensinos Básico e Secundário**

**Carla Maria Páscoa Rocha**

**Aluna nº 7810**

Relatório apresentado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada

Externato António Sérgio - Beringel

Orientador: **Professor Doutor**

**Paulo Jaime Lampreia Costa**

Évora, 2012



# **Universidade de Évora**

Departamento de Pedagogia e Educação

**Mestrado em Ensino do Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e de Espanhol/Francês nos Ensinos Básico e Secundário (cód: 198) (sigla: B\_M\_EPEF)**

Especialidade em **Ensino do Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e de Espanhol dos Ensinos Básico e Secundário**

**Carla Maria Páscoa Rocha**

**Aluna nº 7810**

Relatório apresentado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada  
Externato António Sérgio - Beringel

Orientador: **Professor Doutor**

**Paulo Jaime Lampreia Costa**

Évora, 2012



## **Relatório da Prática de Ensino Supervisionada, Externato António Sérgio - Beringel**

### **Resumo**

Este relatório foi elaborado no âmbito da prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino do Português no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e de Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário sob a orientação do Professor Doutor Paulo Costa.

O presente relatório tem por base uma dimensão reflexiva, essencial na formação de professores: incide na prática exercida no Externato António Sérgio – Beringel, no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa, numa turma de 7º ano.

### **Report on Supervised Teaching Practice, Externato António Sérgio – Beringel**

#### **Abstract**

This report was elaborated within the Supervised Teaching Practice of the Master's degree in Teaching Portuguese in the 3<sup>rd</sup> cycle of basic education (7<sup>th</sup> to 9<sup>th</sup> grades) and in secondary education, as well as Spanish in basic and secondary education, under the guidance of professor doctor Paulo Costa.

The report is based on a reflexive dimension, essential in teaching practice, which focuses on teaching Portuguese to a 7<sup>th</sup> form class, at Externato António Sérgio - Beringel .

# Índice

Resumo .....	4
Abstract .....	4
Índice .....	5
I - Introdução .....	6
II – Breve caracterização do local onde decorreu a actividade .....	8
1. O Externato António Sérgio .....	8
III – Áreas de intervenção profissional .....	9
1. Preparação científica, pedagógica e didáctica .....	9
2. Conhecimento do currículo .....	10
3. Conhecimento da turma .....	14
4. Planificação, preparação e condução das aulas .....	16
4.1. Planificação e preparação das aulas .....	16
4.2. Condução das aulas .....	19
5. - Análise da prática de ensino .....	21
5.1. Enquadramento da unidade seleccionada .....	21
5.2. Descrição das aulas e reflexão sobre as mesmas.....	22
6. Avaliação das aprendizagens dos alunos .....	31
7. Participação na escola .....	34
8. Desenvolvimento profissional .....	36
IV - Reflexões finais .....	37
V - Bibliografia .....	39
VI - Anexos .....	41
Anexo 1.....	42
Anexo 2 .....	44
Anexo 3 .....	46
Anexo 4 .....	49
Anexo 5 .....	56

## I - Introdução

Este relatório tem como objectivo descrever e reflectir sobre a prática lectiva exercida no Externato António Sérgio, em Beringel, onde a docente lecciona desde o ano 2000, integrando o quadro de nomeação definitiva desta escola.

A docente possui uma primeira licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, ensino de Português e Francês e concluiu recentemente a segunda em Línguas, Literaturas e Culturas - estudos portugueses e espanhóis. A frequência desta última deveu-se não só ao gosto pela aprendizagem e pela curiosidade que o curso lhe despertou, mas também pela aposta na reconversão profissional.

No ano a que se reporta esta apresentação, a autora deste trabalho leccionou a disciplina de Língua Portuguesa e a área curricular não disciplinar de Formação Cívica. Para além da actividade lectiva, integrou o Conselho Pedagógico e exerceu a função de directora de turma, a qual mantém há vários anos, empenhando-se no sentido de promover uma colaboração harmoniosa entre a escola e a família, tendo sempre presente a mediação de conflitos, transformando-os quando estes emergem em motivos de reflexão e crescimento pessoal e comunitário.

Nesta apresentação serão postos em evidência aspectos relacionados com a prática de ensino em Língua Portuguesa numa turma de 7.º ano do 3.º ciclo do ensino básico, descrever-se-á a prática pedagógica desenvolvida e procurar-se-á reflectir sobre as opções tomadas a esse nível.

No presente relatório e, após a introdução, é feita uma breve caracterização do Externato António Sérgio. Na segunda parte, intitulada Áreas de Intervenção Profissional, abordar-se-á o conceito de currículo, far-se-á uma reflexão acerca do mesmo e caracterizar-se-á a turma sobre a qual incidiu o processo de ensino-aprendizagem. O momento seguinte é dedicado à planificação, preparação, condução de aulas, à análise da prática de ensino e à avaliação das aprendizagens dos alunos. Por último é descrita a participação na escola e o desenvolvimento profissional.

A reflexão incide naquilo que consideramos como os momentos mais significativos de crescimento profissional, com particular incidência nas dificuldades que a docente e/ou os alunos sentiram no decorrer das aulas e a forma como as

mesmas foram solucionadas. Por fim, fazem-se algumas reflexões finais, seguidas da bibliografia e dos anexos.

## II - Breve caracterização do local onde decorreu a actividade

### 1. O Externato António Sérgio

A prática de ensino desenrolou-se no Externato António Sérgio, uma escola que tem vindo a ser modernizada com novos equipamentos, com obras de remodelação de maior envergadura no ano lectivo de 2009/2010 e a ser ampliada, uma vez que se vê obrigada a tal, dada a crescente procura dos seus serviços. Trata-se de uma escola já com algumas décadas, tendo aberto as suas portas em 1975 com o nome de Externato António Sérgio. O Externato localiza-se em Beringel, localidade situada apenas a 12 km de Beja, o que faz com que as famílias cujos filhos estudaram em estabelecimentos afins, procurem esta escola.

O edifício não é de grande dimensão, mas apresenta o espaço suficiente para que aí funcionem turmas de 2º e 3º ciclos, em dois turnos distintos (manhã e tarde). Todas as salas estão equipadas com quadros interactivos multimédia ou *DataShow*, quadros brancos e / ou quadros de giz. Apesar de alguma heterogeneidade na dimensão das salas e na forma como o mobiliário está disposto, nem sempre as condições são as mais adequadas para o desenvolvimento de certo tipo de actividades uma vez que, por vezes, em salas mais exíguas e com turmas progressivamente mais numerosas, se torna difícil a gestão do espaço.

Relativamente à antiguidade do corpo docente, a maioria dos professores está há mais de vinte anos consecutivos a exercer funções no Externato, constituindo esse grupo o garante da continuidade das intenções / metas que, de acordo com o exposto no Projecto Educativo de Escola, o definem como uma escola de todos e para todos, com conceito implícito de família. É de salientar que uma grande parte dos professores foram, eles próprios, alunos desta escola.

Para além dos alunos oriundos de Beringel, a população escolar abrange ainda alunos das seguintes localidades: Beja, Trigaches, Mombeja, St<sup>a</sup> Vitória, Peroguarda, Alfundão, Faro do Alentejo, Cuba, Vila de Frades, Selmes, Vidigueira, São Matias, Ferreira do Alentejo, Figueira de Cavaleiros e Ervidel.



### **III- Áreas de intervenção profissional**

#### **1. Preparação científica, pedagógica e didáctica**

Para que o professor possa agir de forma criteriosa, reflectir sobre as suas práticas de forma crítica e crescer profissionalmente deve conhecer, respeitar e cumprir as linhas orientadoras de vários documentos de carácter normativo, como é o caso da Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), do Currículo Nacional do Ensino Básico (CNEB) e dos Programas das disciplinas, com particular incidência, para aquela(s) que lecciona.

É também importante que o professor conheça e participe na elaboração de certos documentos ao nível de escola, como o Regulamento Interno, o Projecto Educativo da Escola (PEE), o Projecto Curricular de Escola (PCE) e o Projecto Curricular de Turma (PCT).

Embora este relatório se vá centrar ao nível da língua materna, não poderemos deixar de assumir a nossa capacitação para desempenhar o papel de professor de língua estrangeira e, nesse sentido, pensamos ser relevante destacar alguns aspectos fundamentais apresentados no Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR), um documento de referência para a docência da língua estrangeira que define as linhas de orientação curriculares e descreve “aquilo que os aprendentes de uma língua têm de aprender para serem capazes de comunicar nessa língua e quais os conhecimentos e capacidades que têm de desenvolver.” *In Quadro europeu comum de referência para as línguas* (p.19)

## 2. Conhecimento do currículo

Sendo o currículo parte integrante do ensino-aprendizagem, houve a necessidade de proceder à sua definição, uma vez que se trata de um conceito passível de encerrar acepções muito diversas. Apesar de, sobretudo ao nível do senso comum, se ter definido currículo como plano de estudos ou programas de ensino, julgamos ser relevante apresentar uma noção mais abrangente e que corresponda ao entendimento deste termo que será dominante no presente trabalho. Zabalza (1989) refere que

el currículum es el conjunto de los supuestos de partida, de las metas que se desea lograr y los pasos que se dan para alcanzarlas; el conjunto de conocimientos, habilidades, actitudes, etc. que se considera importante trabajar en la escuela año tras año. (p.14).

Ribeiro (1992) afirma que o currículo “pode definir-se como um conjunto de experiências educativas planeadas e organizadas pela escola ou, mesmo, de experiências vividas pelos educandos sob a orientação directa da escola”. (p.18) Este autor vai mais além, fazendo ainda a distinção entre currículo formal – objetivos, conteúdos e actividades que promovem as aprendizagens dos alunos; currículo informal - que vai para além das actividades lectivas, dando como exemplo o desporto escolar, os clubes escolares e as visitas de estudo; e currículo oculto – que promove as aprendizagens relativas à aquisição de valores e de atitudes.

Deste ponto de vista, pode-se afirmar que este conceito assenta não só no plano de estudos ou nos objetivos, conteúdos e programa de uma disciplina, mas também em todas as experiências e actividades que a escola proporciona aos seus alunos, sejam elas escolares ou extra-escolares. Neste contexto, entende-se por currículo todas as aprendizagens que os alunos realizam na escola e que os ajuda a crescer como pessoas e cidadãos.

Perante a diversidade de documentos que procuram dar a máxima clarificação a todo o processo de ensino-aprendizagem e tendo o sistema educativo sido alvo de reformas e ajustamentos, importará que apresentemos algumas considerações sobre um conjunto de documentos, de carácter normativo e de graus de abrangência diversos, que se configuram como fundamentais na construção do discurso oficial ligado à disciplina de Português.

Como documento mais abrangente, consideramos relevante as orientações consagradas na Lei de Bases do Sistema Educativo - Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro, alterada pela Lei n.º 115/97, de 19 de Setembro e pela Lei n.º 49/2005, de 30 de Agosto. Em traços gerais, o Sistema Educativo Português engloba a Educação Pré-escolar, complementar da acção educativa da família com a qual estabelece estreita colaboração; a Educação Escolar que compreende o ensino básico, secundário e superior e a Educação Extra-escolar que visa o aumento dos conhecimentos e potencialidades de cada indivíduo, sendo complementar à formação escolar. Ainda que seja um documento não directamente ligado ao processo de ensino aprendizagem do português, apresenta, de forma bastante evidente, nos seus artigos 7º g) e 10º, ponto 3, entre outros enunciados, referência ao carácter estruturante da língua portuguesa e da sua abordagem em contexto escolar.

Debruçando-nos agora sobre o Decreto-Lei n.º6/2001, de 18 de Janeiro, este diz respeito à reorganização curricular do ensino básico e estabelece “os princípios orientadores da organização e da gestão curricular do ensino básico, bem como da avaliação das aprendizagens e do processo de desenvolvimento do currículo nacional” (Artigo 1º, ponto 1). Nele se determina a criação das áreas curriculares não disciplinares de Formação Cívica, Área de Projecto e Estudo Acompanhado e o reforço da sequencialidade entre os três ciclos do ensino básico e da sua articulação com o ensino secundário. Neste documento, entende-se por currículo nacional “o conjunto de aprendizagens e competências a desenvolver pelos alunos ao longo do ensino básico, de acordo com os objectivos consagrados na Lei de Bases do Sistema Educativo” (Artigo 2º, ponto 1) e estabelece-se:

o conjunto de competências consideradas essenciais e estruturantes no âmbito do desenvolvimento do currículo nacional, para cada um dos ciclos do ensino básico, o perfil de competências terminais deste nível de ensino, bem como os tipos de experiências educativas que devem ser proporcionadas a todos os alunos. (Artigo 2º, ponto 2).

No referido decreto-lei, é clarificado o termo competência, o qual contempla conhecimentos, mas também capacidades e atitudes.

Na sequência deste decreto-lei é publicado o Currículo Nacional do Ensino Básico (21 de Outubro de 2001), o qual define competência como “saber em acção ou em uso” (p.9). À competência está indissociavelmente ligado o desenvolvimento da autonomia na utilização do saber. Neste contexto, Alarcão (2005) afirma que “ter

competência é saber mobilizar os saberes” e que a “competência não existe, portanto, sem os conhecimentos” (p.20). No mesmo sentido, Roldão (2003) explica que

ao falarmos de competência referimo-nos ao saber que se traduz na capacidade efectiva de utilização e manejo e não a conteúdos acumulados com os quais não sabemos nem agir no concreto, nem fazer qualquer operação mental ou resolver qualquer situação, nem pensar com eles. (p.20)

O mesmo autor defende ainda que

não bastará apenas que o aluno demonstre que conhece, ou memorizou, uns quantos conteúdos, respondendo a um teste ou ficha em mecanismo pergunta-resposta: ele terá de demonstrar, em situação de avaliação, não só que os conhece e evoca, mas que os domina e sabe usar para alguma coisa – no plano da cognição e/da acção. (p.69)

O Currículo Nacional elenca ainda as competências essenciais, distinguindo as gerais como as que correspondem a um perfil à saída do ensino básico e as específicas de cada disciplina, ou área e, nele, enumeram-se as competências específicas consideradas essenciais em cada ciclo e os tipos de experiências que devem ser vivenciadas por todos os alunos.

Num plano diferente, interessa referir que em 1991, teve lugar uma revisão curricular ao nível dos programas das disciplinas e dos seus conteúdos. Muitos deles estão ainda em vigor, o que não deixa de revelar alguma incoerência face ao CNEB (2001) que, pelo seu carácter enquadrador, deveria ter estado na base de alterações ao nível dos programas. Poderemos dizer que o CNEB faz a ponte entre o programa de 1991 e o novo programa de Português, homologado em 2009.

No que respeita ao ainda vigente programa de Português, o enfoque nos conteúdos, centrou-se nos domínios OUVIR/FALAR, LER e ESCREVER. Os conteúdos nucleares são comuns ao 2.º e ao 3.º ciclos, ou seja, a Expressão Verbal em Interacção, a Comunicação Oral Regulada por Técnicas; a compreensão de Enunciados Oraís; a leitura Recreativa, a Leitura Orientada, a leitura para Informação e Estudo; a Escrita Expressiva e Lúdica, a Escrita para Apropriação de Técnicas e de Modelos e o Aperfeiçoamento de Texto.

Pode ainda referir-se que este programa assenta numa lógica de objectivos que Roldão (2003) define como “aquilo que pretendemos que o aluno aprenda, numa dada situação de ensino e aprendizagens, face a um determinado conteúdo ou conhecimento.” (p.21)

O conceito de competência surgirá mais tarde, em 2001, com a implementação do Currículo Nacional do Ensino Básico (CNEB), onde se enunciam e valorizam as várias competências, ou seja, as gerais comuns a todas as disciplinas e as competências específicas de cada uma das disciplinas.

Tal como referido anteriormente, em Março de 2009 foi homologado pelo Ministério da Educação um novo programa de Português (PPEB) que se materializa num único documento para os três ciclos, com uma matriz comum e que introduz alterações quer ao nível de novos termos e conceitos, quer ao nível da flexibilidade não só na selecção de obras/ autores, uma vez que permite ao docente seleccionar as leituras que se adequam a uma determinada turma, mas também na gestão das competências e dos conteúdos a abordar de acordo com as necessidades dessa mesma turma. De acordo com a Portaria nº 266/2011, de 14 de Setembro, e após uma fase de preparação dos professores de Língua Portuguesa, a partir do ano lectivo de 2011/2012 este Programa será introduzido progressivamente nos vários anos de escolaridade. Assim, no referido ano lectivo, os programas serão aplicados para o 1º, 5º e 7º anos.

O programa está construído numa lógica de competências: Compreensão do oral (CO), Expressão Oral (EO), Leitura (L), Escrita (E) e Conhecimento explícito da língua (CEL), sendo, com a sua implementação, introduzida uma nova terminologia linguística no que diz respeito ao conhecimento explícito da língua.

Na concepção deste ponto optou-se por referenciar alguns documentos essenciais à docência, visto tratar-se de uma actividade exercida sob densa normatividade, enquadrada pela Lei de Bases do Sistema Educativo, da qual derivam uma diversidade de documentos .

Uma vez que o sistema educativo se encontra em constante mutação, torna-se indispensável que o docente esteja atento às mudanças que vão ocorrendo e que conheça e saiba manejar a documentação que tem ao seu dispor, de forma a manter-se actualizado.

### 3. Conhecimento da turma

Fazer a caracterização da turma, a sua contextualização, é importante, do ponto de vista em que se deve adequar o trabalho às características e interesses dos alunos. Como cada turma tem as suas características, é necessário reflectir para poder dar resposta às dificuldades diagnosticadas, podendo adequar melhor o que se planifica relativamente às especificidades dos alunos. É neste sentido que entendemos as palavras de Alarcão (2005):

Sendo o aluno o elemento central da acção educativa, é imprescindível que o professor detenha conhecimento do aluno e das suas características, isto é, compreenda o seu passado e o seu presente, a sua história de aprendizagem, o seu nível de desenvolvimento, a sua envolvente sócio-cultural. (p.63)

Esta caracterização foi, em grande medida, elaborada pela docente a partir da informação recolhida mediante a aplicação aos alunos do questionário *B.I. Escolar*, no início do ano lectivo; trata-se de um instrumento de aplicação obrigatória, não elaborado pela docente e constante do Projecto Curricular de Turma (PCT).

A turma sobre a qual incide o processo de ensino-aprendizagem relatado neste trabalho era constituída por 25 alunos, aos quais a docente leccionou as disciplinas de Língua Portuguesa e a Área Curricular não Disciplinar de Formação Cívica, tendo, ainda, o cargo de Directora de Turma.

Todos os alunos frequentavam o 7.º ano pela primeira vez, à excepção de um que ficara retido no ano transacto. A turma era, na sua maioria, composta por alunos do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 11 e os 13 anos, provenientes de localidades limítrofes: Beja, Vidigueira, Selmes, Cuba, Vila de Frades e São Matias. Todos estes alunos utilizavam o autocarro escolar como meio de transporte, o que, a nosso ver, é bastante positivo no sentido em que garante a sua assiduidade e a sua pontualidade.

Também, com este questionário, foram recolhidos dados sobre o tipo de estrutura familiar e o grau de escolaridade dos pais/ encarregados de educação dos alunos. Julgamos contudo que não serão dados relevantes do ponto de vista das reais implicações que poderão ter na prática lectiva, podendo, muitas vezes, ser portadores de juízos estereotipados sobre os próprios alunos.

No que respeita às disciplinas apontadas como preferidas, a maioria dos alunos indicou a Língua Portuguesa, o Francês, o Inglês, as Ciências Naturais e a

Educação Física, sendo a Matemática aquela em que sentiam maiores dificuldades o que, do nosso ponto de vista, poderia indicar um grau de motivação elevado relativamente à disciplina de Língua Portuguesa, facto que consideramos como positivo, embora não possamos extrair quaisquer conclusões sólidas a partir desta informação.

Já relativamente aos hábitos de estudo e às expectativas profissionais, quase todos afirmaram ter um horário de estudo, estudavam com os pais ou com explicadores e, no que respeita a profissão desejada, a escolha variava entre veterinário, professor, médico, arqueólogo e jogador de futebol, o que demonstra a importância da escola para alguns destes alunos.

Procurámos neste ponto fazer uma caracterização com base no questionário entregue ao aluno no início do ano lectivo, embora tenhamos a noção de que estas caracterizações têm uma importância relativa.

## **4. Planificação, preparação e condução das aulas**

### **4.1. Planificação e preparação das aulas**

Para preparar as actividades lectivas o docente já tem de ter um conhecimento prévio das suas turmas, incluindo o diagnóstico das dificuldades dos alunos, devendo sempre reflectir sobre o seu ritmo de aprendizagem. Assim, o plano de uma aula pode ser indicado para uma turma e para outra não, tendo de haver ajustes.

A planificação de todas as aulas e actividades a elas associadas teve sempre por base o programa de Língua Portuguesa do 3º ciclo, em vigor, e o manual adoptado pelo grupo disciplinar, dois recursos fundamentais para a prática de ensino. No ano a que se reporta o presente relatório, no 7º ano, a disciplina de Língua Portuguesa tem uma carga horária semanal de dois blocos de 90 minutos.

Para que se realize aprendizagem, deverá o docente preocupar-se com o grau de envolvimento efectivo do aluno na aula. Daí que seja muito relevante, em nossa opinião, que o professor possa usar os recursos que estão disponíveis. Nesse âmbito, o recurso às TIC pode configurar-se como uma mais-valia, sobretudo se a sua utilização for adequada à aula em questão.

A preparação das aulas teve por base uma reflexão profunda sobre os alunos, sobre as competências a desenvolver, sobre as dificuldades que poderiam resultar da eventual introdução de novos conceitos, bem como sobre a busca de alternativas para a resolução das mesmas.

Tentou-se criar aulas diversificadas e dinâmicas através da utilização de recursos variados, não descurando a exposição, por parte da docente, de novos conceitos, a resolução de exercícios, a leitura expressiva, a produção escrita, os debates / as discussões em grande grupo, entre outros.

No final de cada aula, foi feito ao aluno, sempre que o factor tempo permitia, o desafio de resumir o conteúdo da aula, com o objectivo de avaliar e verificar as dúvidas existentes, para que estas fossem esclarecidas. Esta estratégia poderia ser um ponto de partida muito importante para que pudesse o sumário da aula ser elaborado e tornado uma oportunidade de consolidar aprendizagens.



O professor, ao preparar uma aula, está a definir estratégias que conduzem o aluno ao conhecimento por isso, deve interrogar-se sempre sobre o objectivo da aula e as competências a atingir.

Segundo a docente, todas as aulas se devem basear num plano elaborado previamente, de forma a que tenham princípio, meio e fim. É importante não esquecer que as aulas devem ser criativas e devem despertar a curiosidade do aluno, no sentido de promover a sua participação activa.

No início do ano lectivo, o professor deve ter uma perspectiva daquilo que vai desenvolver ao longo do ano, reflectir sobre os conteúdos, métodos de trabalho e materiais mais adequados à aprendizagem. Deve elaborar a planificação a longo prazo e, ao longo do ano, ir elaborando os planos a médio prazo, referentes às unidades presentes na planificação a longo prazo. É ainda imprescindível a planificação de aula, sendo esta mais flexível, pois uma aula é sempre susceptível de ser alterada, nem sempre sendo possível concretizar integralmente o planificado, devido às características dos alunos (interesses e ritmo de aprendizagem) ou a questões que possam surgir e ser julgadas como relevantes. Por vezes as dúvidas ou sugestões dos alunos, se bem aproveitadas pelos professores, geram aulas bastante interessantes com momentos produtivos ao nível das aprendizagens dos alunos.

A planificação apresentada em anexo (Anexo 5) teve por base, além da bibliografia consultada (manuais, programa, CNEB), as reuniões de grupo, nas quais foram lidas as actas de grupo do ano anterior, de forma a ter em consideração os conteúdos não leccionados. Foram discutidas estratégias, definidos os objectivos a atingir pelos alunos, as metodologias a adoptar, sugestões de actividades, partilhados materiais e definidos os critérios de avaliação que depois foram apresentados, discutidos e aprovados em Conselho Pedagógico.

Apesar da planificação que corresponde ao Anexo 5 estar construída com base em objectivos, por tal se tratar de uma imposição decorrente de decisões tomadas no seio do grupo disciplinar, procuramos que, na realidade, as nossas aulas se centrem no desenvolvimento de competências. Na elaboração da planificação e na preparação das aulas, foi sempre tido em conta o Currículo Nacional do Ensino Básico e as competências essenciais que nele constam.

Nos próximos anos lectivos, as planificações do 7º ano já terão por base as determinações do novo Programa de Português do Ensino Básico (PPEB), um programa mais centrado nas competências, com aspectos inovadores nomeadamente a

abordagem da nova terminologia linguística, ao nível do conhecimento explícito da língua (CEL).

## 4.2. Condução das aulas

Após a análise do aproveitamento e comportamento da turma, concluiu-se que as principais dificuldades dos alunos se faziam sentir ao nível da concentração e da compreensão e expressão escritas. No que concerne a concentração, este é um problema com que os professores se debatem constantemente, especialmente com turmas grandes, mais barulhentas, o que gera problemas ao nível da aprendizagem. A outra dificuldade detectada nos alunos foi ao nível da compreensão escrita, o que dificulta, certamente, a aprendizagem nas várias áreas curriculares. É ainda notória a dificuldade dos alunos em produzir textos coerentes com ideias próprias.

Perante estas dificuldades, e ao nível da disciplina de Língua Portuguesa, a docente tentou implementar diversas estratégias visando melhorar a competência compositiva, incentivando o aluno a reflectir sobre o seu modo de escrita e a auto-avaliar o seu trabalho. Tentou-se ultrapassar esta dificuldade através da exploração e reformulação de textos produzidos pelos alunos. Muitas vezes, e para ir ao encontro dos seus interesses, procedeu-se à pesquisa de textos ou de imagens na internet, de forma a criar ambientes propícios à produção escrita, quer através da selecção de informação, quer através da descrição das imagens. Procurou-se desenvolver competências ao nível da escrita considerando as diversas fases: planificação, textualização e revisão, o que vai de encontro ao que afirma Carvalho (2001):

O processo de escrita envolve três sub-processos: a planificação, a redacção e a revisão. A planificação consiste na construção da representação interna do saber; a redacção é a transformação das ideias em linguagem visível; a revisão, a análise do texto já produzido e a sua eventual transformação. (p.145)

No final deste tipo de actividades procedia-se à sua correcção e reflexão conjunta, dando-se atenção à organização e clarificação de ideias e era escrita uma nova versão com as alterações propostas. Estas actividades centradas no próprio aluno são muito enriquecedoras, uma vez que conduzem à reflexão e à auto-correcção. Esta estratégia vem de encontro ao que Alarcão (2005) afirma:

a sala de aula deixou de ser um espaço onde se transmitem conhecimentos, passando a ser um espaço onde se procura e onde se produz conhecimento. Uma conceptualização de escolarização neste sentido implica a utilização de estratégias de organização das aprendizagens que assentem no próprio aluno e promovam a sua capacidade de auto e hetero-aprendizagem. (p.27)

Como foi referido anteriormente, uma das actividades que motivava mais os alunos era a da pesquisa na internet. Assim, indo de encontro aos seus interesses e, de forma a promover uma igualdade de oportunidades, recorreu-se, algumas vezes, às salas de informática, de forma a que todos os alunos mantivessem contacto com os computadores e com a internet, evitando a info-exclusão a que alguns estão ainda sujeitos, uma vez que, uma minoria ainda não dispunha deste instrumento de trabalho em casa.

## **5. Análise da Prática de Ensino**

### **5.1. Enquadramento da unidade seleccionada**

As primeiras aulas de Língua Portuguesa serviram para apresentação dos alunos e da professora e para dar a conhecer o programa, o manual e discutir as regras a respeitar na sala de aula, tentando estabelecer entre todos um contrato pedagógico. Este teve o propósito de consciencializar o aluno de que, para além dos direitos, ele também tem deveres, e de o responsabilizar pelas suas atitudes, as quais se poderão reflectir no seu aproveitamento.

Ainda nas primeiras aulas, foram apresentados os critérios de avaliação, os quais tinham sido discutidos e definidos no grupo disciplinar e aprovados em Conselho Pedagógico. Uma vez que estes devem ser do conhecimento dos alunos, pois são extremamente importantes para o seu desempenho escolar, foram-lhes comunicados e explicados, bem como aos pais e / ou encarregados de educação, no início do ano lectivo, de forma a responsabilizá-los, e tendo como objectivo a promoção do sucesso educativo.

Posteriormente os alunos realizaram uma ficha de avaliação diagnóstica, de forma a ter uma percepção das dificuldades que os alunos enfrentam: compreensão e expressão escrita e funcionamento da língua.

Após a análise dos resultados obtidos na ficha de avaliação diagnóstica e identificadas as dificuldades dos alunos, coube à docente realizar actividades específicas para combater as lacunas dos discentes, de modo a serem iniciadas as novas aprendizagens.

Analisadas, discutidas e superadas algumas dificuldades, partiu-se então para a primeira unidade planificada: *“Raízes Populares”*, a qual teve início no mês de Outubro.

Esta foi a unidade seleccionada para desenvolver neste trabalho. Trata-se de uma unidade extensa, tendo sido seleccionados três sub-temas: provérbios, contos populares e lendas.

Após uma reflexão acerca do programa de terceiro ciclo, e direccionando-se para a turma em que incide esta reflexão, dedicou-se a professora à análise da

planificação de 7.º ano, uma vez que lhe fora atribuída uma turma deste nível, enquanto docente de Língua Portuguesa.

Depois de uma análise da mesma, e tendo como base o facto de o tema escolhido ser do agrado da maioria dos alunos e de si própria, seleccionou para objecto do presente trabalho a unidade relativa à Literatura de Tradição Oral, correspondente à unidade 1 da planificação, denominada “*Raízes Populares*”.

Esta unidade tem como objectivo essencial aprofundar o gosto pessoal dos alunos pela literatura de tradição oral, contactando, em simultâneo, com diferentes tipologias textuais. Ao mesmo tempo, a mesma levará ao cumprimento de outros objectivos transversais, como o ler expressivamente, enriquecer o vocabulário, praticando a análise textual, que culminará no desenvolvimento das competências de escrita dos alunos.

Tendo como orientação os domínios transversais à disciplina de Língua Portuguesa – Ouvir/ Falar, Ler, Escrever - e pensando na melhor forma de fomentar a interacção entre eles, passou-se à preparação das aulas. Na presente exposição, devido à extensão da unidade, a docente centra-se apenas em três tipos de textos, são eles: o Provérbio, o Conto Popular e a Lenda.

## **5.2. Descrição das aulas (unidade 1) e reflexão sobre as mesmas**

Procuraremos neste ponto descrever, num primeiro momento, um bloco de oito aulas, de forma sequencial, e apresentaremos, num segundo momento, algumas considerações de natureza reflexiva sobre as práticas que procurámos implementar.

### **Aula 1:**

Como primeira abordagem ao tema, foi pedido aos alunos que observassem uma imagem do manual (Anexo 1) e dissessem tudo aquilo que a mesma lhes sugeria. Este exercício de *brainstorming* pôs os alunos a reflectir, e daí surgiram as mais variadas ideias, desde coisas visíveis na própria imagem, até ideias provenientes da sua imaginação e que estão para além da imagem física apresentada. Desta forma, responderam à questão 1 que se apresenta na página da imagem (“*O que representa a imagem?*”). De seguida, e percebendo que tinham acabado de responder a uma questão formulada no manual, foi lida a segunda questão apresentada – “*Que relação se pode estabelecer entre a imagem e a citação apresentada?*”. Foi então lida por um

aluno a citação, que depois foi explorada por partes, com a orientação da professora, e nunca perdendo de vista a relação entre os termos de comparação – imagem e citação. Aproveitou-se para explicitar o conceito de citação, elucidando os alunos sobre o que é e para que serve.

Após este exercício, em que os alunos falaram, ouviram, leram e, sobretudo, reflectiram, passou-se à exploração do título da unidade – *“Raízes Populares”*. Mais uma vez os alunos foram conduzidos à reflexão, acabando por chegar à conclusão de que “raízes” se relaciona com “origem”, e “popular” está directamente relacionado com “povo”. Depois de feita esta ligação, foram sistematizadas as suas ideias e todos perceberam que a unidade a estudar seria então baseada em textos com origem no povo.

Depois desta sistematização, voltou-se a questionar os alunos sobre quem seria o autor ou autores destes textos, ao que eles, em consequência da reflexão anterior, rapidamente responderam que era o povo. Interpelados novamente sobre a forma como eram transmitidos, mais uma vez, a resposta não tardou. Daqui, o seu interesse extravasou em direcção àquilo que se pretendia: tipos de textos contados e transmitidos pelo povo, oralmente. Todos responderam com facilidade, enunciando vários dos tipos de textos que fazem parte deste tipo de Literatura. No final, foram, mais uma vez, sistematizadas as suas ideias, dizendo que estes textos de que eles falaram constituem a chamada Literatura de Tradição Oral. A primeira abordagem estava feita, e com sucesso, uma vez que todos ficaram entusiasmados, primeiro porque foram correspondendo às expectativas da professora e, por outro lado, porque ficaram cheios de vontade de conhecer textos novos e até de trazer para a aula textos que eles conheciam para serem contados ou lidos, ao que a docente acedeu de imediato, pedindo-lhes que trouxessem os que pretendiam ler.

Partindo daquilo que os alunos disseram, todos foram informados de que o primeiro dos textos a trabalhar seria o provérbio. Logo surgiram vários, e o seu número aumentou à medida que os ia lembrando e enunciando. Pensaram e enunciaram tantos quantos os que se recordaram para, de seguida, descobrirem o que era então um provérbio e para que servia. Após este exercício, foi lida a definição apresentada no manual, que depois de analisada por partes, sob orientação da docente, foi copiada para o caderno diário. Foi-lhes então pedido que, como trabalho de casa, fizessem um levantamento de provérbios, quer dos que se lembrassem, quer através de pesquisa junto de familiares, ou vizinhos, para serem explorados na aula seguinte.

Saliente-se que esta pesquisa junto da família e dos vizinhos, visou não só a recolha de provérbios, mas também o contacto com a comunidade, a sensibilização à forma como os textos de tradição oral passaram de geração em geração, e ainda o estabelecimento do contacto directo entre gerações, que deverá ser estimulado, dado o inevitável apelo actual das novas tecnologias, em detrimento do contacto directo com os mais velhos e, sobretudo, com os mais idosos.

De seguida, foram lidos dez provérbios apresentados no manual, tiradas algumas dúvidas de vocabulário e pedido aos alunos que, em trabalho de pares, explicassem por escrito a mensagem transmitida pelos mesmos. Após este trabalho, foram lidas algumas explicações relativas a cada um dos provérbios e discutidas em grande grupo, chegando-se a conclusões unânimes. Com este trabalho, todos se aperceberam do que é realmente a moralidade dum provérbio, uma vez que as suas explicações foram, na maioria dos casos, nesse sentido, ao mesmo tempo que iam pondo por escrito as ideias do par de trabalho.

### **Aula 2:**

Noutra aula, foram lidos todos os provérbios recolhidos pelos alunos e explicitada, por eles, a moralidade dos mesmos, utilizando exemplos da vida real para que melhor compreendessem a sua mensagem.

Seguidamente, foi-lhes pedido que resolvessem um exercício de ligação lógica entre duas colunas com o início e o final de vários provérbios, ao que todos corresponderam da melhor maneira, uma vez que alguns deles até já tinham sido focados anteriormente. Depois de corrigido o exercício, foi-lhes pedido que escolhessem um desses provérbios e que fizessem um pequeno texto em que passassem a mensagem da moralidade do mesmo, através de uma situação da vida quotidiana. No final, foram lidos alguns textos de alunos que voluntariamente se ofereceram para tal e comentada, em grande grupo, a adequação ou não, daquela história ao provérbio escolhido. Os que não foram lidos em sala de aula foram posteriormente corrigidos, fora do contexto de sala de aula.

### **Aula 3:**

Numa outra aula, o conceito de moralidade foi debatido em grande grupo, com destaque para o que é, qual a sua intenção e onde aparece. Os alunos, entre muitos outros exemplos, focaram os provérbios que já haviam trabalhado, e falaram dos textos que eles próprios produziram. A partir daqui, foram incitados a lembrar-se de histórias que procurassem transmitir moralidades e, dentro dos exemplos dados,



apareceram alguns contos populares, conhecidos pela maioria. Foi a partir daqui que foi introduzido o sub-tema dos “contos populares”. Tal como acontecera com os provérbios, leram a definição apresentada no manual que, depois de analisada, foi transcrita para o seu caderno diário. Todos demonstraram interesse pelo tema e, mais uma vez, pediram para trazer de casa textos referentes a esta categoria. De seguida, a seu pedido, foram também pesquisados na internet alguns contos populares que, posteriormente, foram lidos na turma.

#### **Aula 4:**

Na aula seguinte, os alunos referiram os textos recolhidos e, após a leitura de alguns deles, chegaram à conclusão de que havia vários com o mesmo título, mas com algumas variações, pelo que rapidamente a maioria se lembrou logo do provérbio “Quem conta um conto, acrescenta-lhe um ponto”, associando-o à informação de que já dispunham, ou seja, pelo facto de serem transmitidos oralmente, estes contos vieram sofrendo algumas alterações ao longo do tempo. Estava consolidada a noção de conto popular e da sua função. Passou-se, de seguida, à análise textual de um conto e, utilizando um dos contos populares apresentados no manual, foi lido e analisado o texto “A Enfiada de Petas” (Anexo 2), que os alunos não conheciam, mas para o qual ficaram muito despertados, uma vez que o texto é hilariante. A ficha de trabalho relativa à análise textual foi reservada para trabalho de casa. Na aula seguinte, foi feita a correcção da mesma, a partir das respostas dos alunos e, mais uma vez, focada a noção de moralidade deste tipo de textos.

Depois da análise deste conto popular, muitos propuseram que se dramatizasse na sala de aula a sua história. Aproveitando o interesse manifestado e, uma vez que a docente também leccionava esta área curricular, este trabalho foi remetido para as aulas de Formação Cívica, por um lado, devido à escassez de tempo, por outro, de forma a aproveitar o tema e a moralidade da história para focar conteúdos que fazem parte desta área curricular não disciplinar. É de salientar que estas aulas são essenciais, uma vez que promovem o desenvolvimento de competências relacionadas com o respeito, regras de convivência social, solidariedade, apropriação de princípios, tendo em vista a aprendizagem ao nível da melhoria da qualidade de vida, dos relacionamentos e do auto-conhecimento. Muitas vezes, os temas abordados nas aulas de Língua Portuguesa serviram de ponte para os debates e discussões na área curricular não disciplinar de Formação Cívica, promovendo, a docente, actividades que conduzissem a tomadas de posição e decisão.

Retomando o conto e, antes de se passar à escrita do texto dramático propriamente dito, esmiuçou-se a sua moralidade e foram tratados temas como o cumprimento da palavra e a ideia de que quem quer ser superior ou mais esperto que os outros, muitas vezes acaba por ser a vítima dos seus próprios actos.

Após este trabalho de Formação Cívica propriamente dito, passou-se à recriação do conto popular no género dramático (Anexo 3), o que os alunos fizeram de bom grado e com entusiasmo. O texto foi feito em grande grupo, sob orientação da docente, sendo gradualmente escrita a versão final no quadro da sala de aula e transcrita pela delegada de turma para o papel. Depois passou-se à escolha dos “actores” que encarnaram as diferentes personagens, e aos ensaios, que decorreram durante as aulas. Os alunos que não participaram directamente na representação, foram também envolvidos no trabalho, ficando responsáveis pelo guarda-roupa e pela elaboração dos cenários.

O produto final deste projecto foi depois apresentado às outras turmas do 7º ano, no final da aula de Formação Cívica ou de Área de Projecto.

Os alunos gostaram bastante desta experiência e quiseram repeti-la, o que, por falta de tempo, foi impossível.

#### **Aula 5:**

De volta à aula de Língua Portuguesa, e após a auto-avaliação dos alunos acerca do seu próprio trabalho, todos foram felicitados pelos resultados obtidos e incitados a continuarem a desenvolver trabalhos deste tipo.

Para finalizar esta sub-unidade, foi-lhes solicitado que observassem a fotografia e biografia apresentada ao lado do texto e, a partir daí, falou-se dos autores que, como Teófilo Braga, foram responsáveis pela recolha e transcrição deste tipo de contos, para preservar a nossa cultura através do nosso espólio de contos populares.

Foi ainda aproveitada a situação para rever as categorias da narrativa que já haviam sido estudadas pelos alunos e, de seguida, sistematizadas as características do conto popular, através da leitura e análise de uma ficha informativa apresentada também no manual.

Após todas estas actividades, as quais permitiram aos alunos produzir, compreender e treinar conhecimentos, os sub-temas do provérbio e do conto popular ficaram perfeitamente interiorizados.

### **Aula 6:**

Numa aula posterior, foi-lhes pedido que pensassem em outros textos que fazem também parte deste espólio do património oral. Os alunos falaram das fábulas, das adivinhas e das lendas. Foi-lhes então dito que o tipo de texto a estudar em seguida seria a lenda e pediu-se-lhes que pensassem em lendas que conhecessem. Foram referenciadas algumas por parte destes, que foram contadas pelos mesmos em grande grupo, aos colegas. Todos foram incitados a encontrar semelhanças e diferenças entre uma lenda e um conto popular e, depois de encontradas algumas, foram lembradas outras que não tinham sido referidas.

Feita esta sistematização oral, foi distribuída por todos uma ficha informativa feita em forma de esquema que, depois de lida e analisada, foi colada no seu caderno diário. De seguida, e mantendo o método utilizado anteriormente, fez-se a leitura da definição de lenda apresentada no manual que, depois de lida e analisada, foi transcrita para o caderno diário. Os alunos ofereceram-se para, mais uma vez, pesquisarem lendas fora do contexto de sala de aula.

Dando-se continuidade ao trabalho sobre este sub-tema, foram lidas e analisadas, oralmente e por escrito, através de um questionário do manual, duas lendas: “Tejo, Douro e Guadiana” e “A lenda dos nove irmãos”.

### **Aula 7:**

Numa aula posterior, foi apresentada a lenda “Milagre das Rosas” em registo áudio que, depois, foi resumida oralmente pelos discentes e comparada a outras versões da mesma, conhecidas pelos alunos. Passou-se, de seguida, à resolução da ficha de trabalho apresentada no manual que, na aula seguinte, foi corrigida.

### **Aula 8:**

Numa outra aula, foram então lidas ou contadas as lendas que tinham sido recolhidas fora da sala de aula. Surgiu, na recolha feita, a lenda da cidade de Beja e aproveitou-se para falar do brasão da cidade, cujos elementos remetem, exactamente, para a mesma. Todos se interessaram de imediato pela sua visualização e, uma vez que o interesse revelado foi enorme, foi organizada uma visita a Beja, para que pudessem visualizar *in loco* o brasão da cidade, no edifício da Câmara Municipal. Aquando desta actividade, os alunos tiraram fotografias e, numa aula posterior, elaboraram trabalhos de grupo com as mesmas, a explicação do brasão e a apresentação da lenda da cidade. Os trabalhos elaborados foram depois expostos no átrio da escola.

Reflectindo um pouco sobre este bloco de oito aulas, concluímos, com base na avaliação efectuada, que ficaram perfeitamente consolidadas as noções de Literatura Popular de Tradição Oral, de Provérbio, de Conto Popular e de Lenda. Também foram abordados outros sub-temas desta unidade – a Fábula, a Lengalenga, as Adivinhas e as Quadras Populares -, no entanto, optou-se, neste trabalho, por estes três sub-temas, porque foram os primeiros a ser leccionados e por serem suficientes para dar a noção clara do tipo de aulas utilizado e da reacção dos alunos em relação a este tipo de Literatura.

De acordo com o previsto, a docente não se cingiu ao previamente planificado e esteve sempre aberta às propostas dos alunos, como foram os casos da leitura de todos os textos recolhidos por eles, da visita a Beja para visualizar o brasão da cidade e a transposição do conto popular “A enfiada de petas” para texto dramático e respectiva representação teatral.

Deste modo, estes trabalhos foram muito positivos e enriquecedores, tanto para os alunos, como para a docente. Assim, apesar destas actividades não estarem previstas na planificação a longo prazo, foram inseridas na planificação de unidade, uma vez que a planificação é flexível e deve ser, portanto, ajustada às necessidades dos alunos, para que dela tirem o melhor proveito.

Em relação às aulas propriamente ditas, criaram-se aulas nas quais os alunos tinham de participar activamente, reforçando a motivação e promovendo a aprendizagem dos mesmos. A maioria dos alunos preferia manter o silêncio, destacando-se apenas alguns que participavam de forma voluntária, colocando alguma dúvida que surgia, partilhando algum conhecimento, tecendo algum comentário sobre o assunto. Os mais tímidos participavam apenas quando solicitados pela professora. Normalmente esta solicitação tinha como objectivo verificar a compreensão dos alunos sobre o tema abordado ou controlar os alunos mais distraídos, tentando focalizar mais a sua atenção nas tarefas das aulas. A participação aumenta o interesse dos discentes, tornando-os mais autónomos, críticos e reflexivos, além de que desenvolve a comunicação oral e a criatividade. Para Estanqueiro (2010): “O diálogo da aula é, além de mais, uma oportunidade para o aluno desenvolver duas competências de comunicação oral, necessárias para toda a vida: saber escutar e saber falar. Aprende-se a escutar, escutando. Aprende-se a falar, falando.” (p.40)

De uma forma geral, julgamos poder fazer uma apreciação positiva no que diz respeito a este bloco de aulas, uma vez que as estratégias foram, quanto à professora e

comunidade educativa, muito eficientes, permitindo aos alunos a realização de aprendizagens relevantes. As actividades propostas foram ao encontro das necessidades dos alunos e recorreu-se, sempre que possível, no decorrer das aulas, a meios ao alcance de todos, como foram, sobretudo, o manual, o caderno diário e algumas fichas informativas fotocopiadas, sem esquecer o contacto directo com familiares, numa perspectiva transgeracional, e comunidade local.

Considera-se, pois, que as aulas, ainda que leccionadas de forma simples, se revelaram bastante interessantes, o que foi notório pelo interesse, entusiasmo e empenho da parte dos alunos, mesmo daqueles que, frequentemente, apresentavam lacunas ao nível da concentração.

No entanto, numa próxima vez que se leccionar este nível de ensino e, conseqüentemente, esta unidade, serão utilizados, provavelmente, alguns meios tecnológicos, como é o caso dos quadros interactivos, que se afiguram como excelentes instrumentos de trabalho, capazes de captar facilmente a atenção dos alunos e, desta forma, motivá-los ainda mais. Não foram utilizados neste bloco de aulas apresentado, porque foram instalados já no final do ano lectivo. Em anos vindouros, certamente que serão utilizados para, de uma forma diferente, apelar ao interesse dos alunos. Esta é, pois, uma alteração que a docente pensa que poderá ser feita no que respeita à forma como leccionou esta unidade da Literatura Popular de Tradição Oral.

Uma outra experiência que a docente pensa vir a realizar é a criação de um blogue, com a finalidade de fomentar o gosto pela escrita e pela leitura, onde constarão textos elaborados pelos discentes, o qual terá, certamente, uma grande adesão por parte dos alunos e encarregados de educação.

Como a banda desenhada é também um dos conteúdos a considerar e a desenvolver neste ano de escolaridade, a docente pensa vir a propor, em colaboração com os colegas de Educação Visual (E.V.), a elaboração de bandas desenhadas a partir dos contos populares e das lendas. Em interdisciplinaridade, será mais profícuo o trabalho, uma vez que no decurso do mesmo não só entrarão em jogo os conceitos inerentes à disciplina de Língua Portuguesa, mas também a apropriação de técnicas próprias e perspectivas a ter em consideração, que só nessa disciplina podem ser observadas.

No que concerne à importância que a relação com os alunos pode adquirir no processo de ensino-aprendizagem e no decorrer da prática lectiva, a docente tentou

sempre manter uma relação de empatia, respeito, preocupação, compreensão e até de amizade com os mesmos, com a consciência de que um bom relacionamento contribui para melhorar o sucesso educativo e o bem-estar na sala de aula. Contudo, para promover este bom relacionamento, é necessário que o docente tenha um perfil de liderança, pois os problemas de indisciplina surgem mais quando o professor não consegue impôr a sua autoridade ou quando é impulsivo demais. No decorrer do ano lectivo, a docente tentou sempre escutar os alunos, aconselhá-los e encorajá-los à aprendizagem através de reforços positivos.

Nos momentos mais tensos, a docente / directora de turma procurou, através do diálogo, fazê-los entender a necessidade do cumprimento de regras para o bom funcionamento das aulas e que a violação das mesmas poderia ter consequências no seu aproveitamento e formação pessoal e social. Tentou-se criar um ambiente de bem-estar, propício ao trabalho e facilitador do crescimento pessoal e relacional. Segundo a docente, o tipo de relação harmoniosa e de encorajamento tem influência no rendimento escolar dos alunos.

Sempre que um aluno tem um comportamento incorrecto, deverá ser criada uma oportunidade de reflectir sobre ele, de forma a poder encarar os seus comportamentos de modo responsável. Muitas vezes esses comportamentos são o reflexo da sua inadaptação à oferta da escola, conjugada com um acompanhamento menos efectivo por parte dos pais.

A docente privilegiou sempre a interacção com os alunos, nunca limitou o seu espaço à secretária, aproximou-se dos discentes, sem excepção, preocupando-se com as suas dificuldades e tentando estimular a sua participação. Considera ter com os alunos uma boa relação, dentro do respeito mútuo, das regras da educação e da disciplina. Agiu sempre em conformidade nos casos em que surgiram situações mais problemáticas, procurando ser fiel aos princípios e prezando sempre as regras estabelecidas no Regulamento Interno do Externato. Cumpriu sempre com as suas obrigações, esperando o mesmo dos alunos. Procurou dar o exemplo, incutindo-lhes a importância da confiança, da lealdade e da integridade para que obtivessem uma boa formação, não só ao nível académico, mas também pessoal e pudessem preparar o seu futuro de forma mais consciente e responsável.

## 6. Avaliação das aprendizagem dos alunos

Ao procurarmos delimitar o conceito de avaliação, poderemos encontrar diversos tipos de resposta, seja na legislação em vigor, seja na literatura produzida a este respeito. Assim, de acordo com o Despacho Normativo n.º1/2005, de 5 de Janeiro, relativo à avaliação dos alunos do ensino básico, “a avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens.” (Capítulo I, ponto 2). Para Ribeiro (1993): “A avaliação pretende acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu percurso de aprendizagem, identificando o que já foi conseguido e o que está a levantar dificuldades, procurando encontrar as melhores soluções.” (p.75) De acordo com estas definições, podemos certamente afirmar que a avaliação não é apenas certificadora, isto é, não é vista unicamente como o factor que define a progressão ou a retenção dos alunos, mas também como o factor de apoio ao processo educativo, contribuindo para a melhoria da qualidade do próprio sistema educativo. A avaliação tem uma função reguladora e permite verificar se as metas de aprendizagem foram ou não alcançadas pelos alunos. Para que esta favoreça a aprendizagem, deve ocorrer de forma contínua e sistemática.

Quando se fala da avaliação das aprendizagens dos alunos, deve-se distinguir as funções e as características dos três tipos de modalidades - avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação sumativa -, pois apesar de todas contribuírem para o desenvolvimento da aprendizagem, cada uma tem o seu objectivo. Assim, e referindo-nos a cada uma delas, podemos dizer que o objectivo fundamental da avaliação diagnóstica é a análise de conhecimentos que o aluno deve possuir num determinado momento, antes de iniciar novas aprendizagens. É imprescindível que o discente possua os conhecimentos anteriores, de forma a adquirir essas novas aprendizagens.

Ribeiro (1993) define a avaliação diagnóstica como aquela que “pretende averiguar da posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, no sentido de obviar a dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações presentes.” (p.79)

No que concerne a avaliação formativa, esta é, sem dúvida, aquela que ganhou maior importância nos últimos anos, pois além de regular o processo de aprendizagem dos alunos, aperfeiçoa o ensino.

O professor recolhe regularmente informações, registando-as em grelhas de observação, para verificar as dificuldades ou a evolução dos alunos e, assim, orientar a aprendizagem. Trata-se de uma avaliação reguladora e sistemática, cuja recolha é baseada na observação directa e no registo e análise de dados de vários instrumentos: fichas formativas, portefólios, reflexões, fichas de verificação e controlo, questionários, registos relacionados com a assiduidade, o comportamento, a participação oral, o cumprimento dos trabalhos de casa, a responsabilidade e o relacionamento com os outros.

De acordo com Ribeiro (1993): “ A avaliação formativa pretende determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes dar solução.” (p.84)

No que respeita à avaliação sumativa, esta é realizada através dos testes e faz o balanço das aprendizagens desenvolvidas no final das unidades de aprendizagem. Trata-se de uma avaliação pontual e ajuda a determinar o nível do aluno. Esta distingue-se assim da avaliação formativa que permite decidir o que fazer para melhorar, é uma avaliação contínua, não é atribuída uma classificação e os alunos têm uma participação activa.

Citando, novamente, Ribeiro (1993): “ A avaliação somativa pretende ajuizar do progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações de tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino.” (p.89)

A avaliação sumativa determina ainda a certificação dos alunos. O seu resultado traduz-se no final de cada período lectivo e através da transição/ progressão de ano no final do 3º período (numa escala quantitativa de 1 a 5 nas áreas curriculares disciplinares e numa escala qualitativa nas áreas curriculares não disciplinares).

No entanto, para a docente, a avaliação é sobretudo um meio de análise e controlo da eficácia das estratégias adoptadas e dos recursos utilizados, permitindo, assim, diagnosticar lacunas e dificuldades.

A avaliação nas aulas de Língua Portuguesa consistiu não só na avaliação formativa e diagnóstica, mas também na avaliação sumativa, sendo todos os registos



efectuados em grelhas próprias. A docente tentou sempre corrigir ou modificar os processos de avaliação e as estratégias, de forma a promover o sucesso dos alunos.

Embora o professor tenha um papel fundamental na avaliação das aprendizagens, os alunos também o têm. Os discentes desempenham um papel importante nos diferentes momentos de avaliação, classificando as suas aprendizagens através da auto-avaliação. Esta tem como objectivo o balanço da sua participação no processo de ensino-aprendizagem, fazendo o aluno uma apreciação reflexiva do seu trabalho, tendo em conta os critérios aprovados em Conselho Pedagógico.

Convém referir que para que os alunos intervenham no processo de avaliação, devem conhecer e compreender os critérios utilizados pelos professores, devem saber o que se pretende, o que é valorizado, e poderão ainda negociar esses critérios com os professores, envolvendo-se desde o início na regulação das suas aprendizagens.

No início do ano lectivo, a docente, enquanto directora de turma, teve a preocupação de entregar por escrito os critérios de avaliação aos encarregados de educação, de forma a que estes também os conheçam e possam reflectir sobre eles. À semelhança do que se fez com os encarregados de educação, também os alunos ficaram a conhecer os critérios, os quais foram registados no caderno diário, salientando o facto da participação ter também um peso importante não só na sua avaliação, mas também na construção do seu conhecimento.

## **7. Participação na escola**

No que se refere à participação na escola, a docente esteve sempre envolvida nos projectos da mesma, cooperando e empenhando-se na concretização dos mesmos. Refira-se que a docente lecciona no Externato há onze anos e que isso contribui para um maior envolvimento e para uma participação mais construtiva.

No ano lectivo em questão, a docente assumiu o cargo de directora de turma, tendo desempenhado junto do conselho de turma a função de coordenação, de articulação e de mediação entre a sua acção e os diferentes elementos envolvidos no processo educativo: os alunos e os encarregados de educação.

Como directora de turma, assumiu a coordenação e organização do projecto curricular de turma (PCT), procedeu à caracterização pormenorizada dos alunos, tendo por base a análise de inquéritos efectuados no início do ano lectivo; fez o registo semanal de faltas de material, de faltas de presença e justificação das mesmas. No decorrer do ano lectivo foi também de sua responsabilidade a abertura do livro de ponto, a leitura de legislação, a preparação e participação nas reuniões do conselho de turma e a elaboração das actas. Como directora de turma e docente da área curricular não disciplinar de Formação Cívica, tentou fazer uma reflexão constante sobre o “saber estar” dos alunos e sobre situações que surgiram no seio da turma, dialogando com os mesmos sobre os problemas diagnosticados, com o objectivo de resolvê-los. Esteve sempre disponível para atender os encarregados de educação, não só no horário de atendimento, como em qualquer outro momento, se possível.

O director de turma é, sem dúvida, o elo de ligação entre os encarregados de educação e a escola. Este deve garantir uma informação actualizada sobre a assiduidade, comportamento e aproveitamento do aluno. Como directora de turma, a docente considera ter desenvolvido com os encarregados de educação uma relação bastante positiva, que foi crescendo através dos contactos periódicos e permanentes efectuados por ambas as partes, para troca de informações sobre os respectivos educandos. Através desta relação de confiança, baseada no respeito, na seriedade e no rigor, muitos encarregados de educação puderam contar não só com uma simples professora responsável pelos seus educandos, mas também com uma amiga para ouvir as suas inquietudes e preocupações.

A docente, enquanto directora de turma, integrou ainda o Conselho Pedagógico, participando na elaboração, análise e/ ou reformulação de documentos relacionados com a prática pedagógica.

Sendo o Externato uma escola aberta à comunidade, são várias as actividades dirigidas ao público, tendo como objectivo fazer a aproximação escola / família. As actividades a que a comunidade adere com mais frequência são a feira do livro, as festas de final de período, o baile de finalistas, a feira “Põe-te em forma no Rossio”. Esta actividade abrange temas como a higiene, a alimentação, a actividade física e é sempre muito acarinhada pela comunidade local.

Todas as actividades traçadas no plano levam a uma interacção, a uma partilha e a uma cooperação entre os colegas, há uma dinâmica de grupo, todos os docentes se empenham na resolução de diversas questões que fazem o dia-a-dia da escola. As actividades têm também como objectivo desenvolver nos alunos atitudes de auto-estima, respeito mútuo e regras de convivência, as quais os torna cidadãos autónomos, responsáveis, organizados e mais tolerantes.

Como directora de turma, houve também um envolvimento nestas actividades, principalmente na preparação dos números a serem apresentados pela turma nas festas e também na organização das visitas de estudo. Como docente de Língua Portuguesa, a participação direcciona-se mais para as feiras do livro e para o jornal da escola, com textos produzidos pelos seus alunos.

Estas actividades revestem-se de um carácter não só lúdico, mas sobretudo formativo e enriquecedor e decorrem de forma regular e com bastante entusiasmo por parte dos alunos.

## **8. Desenvolvimento Profissional**

A docente completou as licenciaturas de Línguas e Literaturas Modernas, ensino de Português e de Francês e de Línguas, Literaturas e Culturas - Estudos Portugueses e Espanhóis e frequentou o curso de Mestrado em Ensino de Português no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e de Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário, no entanto os seus estudos não poderão nunca ficar por aí, deve continuar a investigar, pesquisar, aprofundar conhecimentos, manter-se actualizada. Deve criar, inovar e só o fará se gostar mesmo daquilo que faz, se se sentir motivada e estiver apaixonada pela sua profissão.

A profissão docente não é estática, o professor tem de acompanhar as mudanças e o avanço da sociedade. É necessário que haja uma flexibilidade e uma abertura de espírito, por parte do professor. Cabe-lhe estar sempre actualizado, em formação contínua, investindo na investigação de aspectos relacionados com o ensino, de forma a utilizar metodologias inovadoras na educação.

A pesquisa e a formação têm tido grande importância na actualização da docente. Também a partilha de experiências, ideias e materiais, assim como a reflexão conjunta com o grupo disciplinar contribuiu para o desenvolvimento da sua prática e foi muito enriquecedor. Estas reuniões são de extrema importância pois a docente é mais crítica, uma vez que discute e reflecte sobre a relação pedagógica com os alunos, sobre a preparação e a condução das aulas e sobre a avaliação de aprendizagens.

Também as acções de formação são imprescindíveis não só ao progresso e desenvolvimento dos professores, mas também do aluno. No ano a que se refere o presente relatório, a docente realizou uma acção de formação creditada na área das novas tecnologias, a qual foi bastante enriquecedora e garantiu a utilização da plataforma Moodle, uma ferramenta de apoio à aprendizagem, que trouxe inovação à forma como interage com os seus alunos, tornando-os mais autónomos no estudo. Frequentou também uma outra formação na área dos quadros QIM (quadros interactivos multimédia), de forma a saber trabalhar com um quadro interactivo, para que possa deixar para trás o quadro negro.

A docente tenta, sempre que possível, introduzir as novas tecnologias nas actividades lectivas crendo ser esta uma das formas de tornar a aula mais apelativa.

## IV- Reflexões finais

Ser professor é um desafio e um assumir de responsabilidades, uma vez que o docente é um elemento fundamental no processo de ensino-aprendizagem. A ele cabem não só as tarefas respeitantes à transmissão de conhecimentos e avaliação, mas também as de educar, apoiar, criticar e orientar.

Alarcão (2005) refere que “ o grande desafio para os professores vai ser ajudar a desenvolver nos alunos, futuros cidadãos, a capacidade de trabalho autónomo e colaborativo, mas também o espírito crítico. (p.32) Assim, e seguindo a ideia deste autor, o docente é um transmissor de conhecimentos, no entanto o seu papel, a sua função não é apenas essa. Ele tem a função de levar os alunos a pensar, a reflectir, contribuindo, assim, para a construção da sua personalidade.

Reflectindo sobre a sua experiência e sobre a sua prática anterior, a docente sente necessidade de mudar e melhorar no futuro, pois cada ano é um ano, sempre de grande empenho e investimento profissional.

Faz parte da sua postura a partilha e o trabalho colaborativo sempre revelador de uma grande disponibilidade para os outros, quer sejam alunos, colegas, superiores hierárquicos, pais, encarregados de educação ou técnicos.

O seu gosto por experienciar novos percursos no sentido de responder às necessidades dos seus alunos e potenciar os recursos de que a “escola” dispunha levou-a à aplicação de uma multiplicidade de actividades, materiais e estratégias inovadoras e diversificadas, de modo a conduzir a turma ao sucesso.

Outro aspecto importante no seu percurso, foi o enriquecimento das suas vivências como mestranda em Ensino do Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e de Espanhol/Francês nos Ensinos Básico e Secundário já que permitiu adquirir um suporte teórico - prático fundamental para responder a uma escola que se pretende inclusiva, exigente e inovadora. Este percurso de aprendizagem deixou certamente marcas consistentes que se irão repercutir no seu futuro enquanto docente.

Após a conclusão de mais esta tarefa, constatou com agrado que a elaboração deste relatório, contribuiu para revisitar o seu percurso reflectindo, reorganizando ideias, compreendendo o valor da reflexão sobre as práticas e do esforço de

fundamentação das posições tomadas. Após esta reflexão crítica sobre a sua prática, a docente aprendeu, sentiu necessidade de mudar e compreendeu que pode melhorar cada vez mais.

Segundo Cury (2005) “Não importa o tamanho dos obstáculos, mas o tamanho da motivação que temos para os superar.” (p.101)

## V- Bibliografia

Alarcão, I. (2005). *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. São Paulo: Cortez Editora.

Andrade, A. I. O. (1992). *Didáctica da língua estrangeira: o ensino das línguas estrangeiras*. Porto: Edições Asa

Carvalho, J. A. B. (2001). *O ensino-aprendizagem da escrita: avaliar capacidades, promover competências*. Acedido a 3 de Janeiro de 2012, em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/534/1/JoseCarvalho.pdf>

Conselho da Europa (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. Aprendizagem, Ensino, Avaliação*. Porto: Edições Asa

Cury, A. (2005). *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Cascais: Editora Pergaminho.

*Currículo nacional do ensino básico – competências essenciais*. Acedido a 26 de Outubro de 2011, em: <http://www.dgidec.min-edu.pt/ensinobasico>.

Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de Janeiro. *Diário da República nº15/2001 – I Série*. Ministério da Educação. Lisboa.

Despacho Normativo n.º1/2005, de Janeiro. *Diário da República nº3/2005 - I Série - B*. Ministério da Educação. Lisboa.

Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação*. Lisboa: Editorial Presença.

Fernandes, D. (2006). *Para uma teoria da avaliação formativa*. Acedido a 23 de Dezembro de 2011, em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf>

Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro. *Diário da República nº 237/86 – I Série*. Assembleia da República. Lisboa.

Reis, C., Dias, A. P., Cabral, A. T. C., Silva, E., Viegas, F., Bastos, G., Mota, I., Segura, J., Pinto, M. O. (2009). *programa de português do ensino básico*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Ribeiro, A. C. (1992). *Desenvolvimento curricular*. Lisboa: Texto Editora.

Ribeiro, A. C., & Ribeiro, L. C. (1989). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ribeiro, L. C. (1993). *Avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.

Roldão, M. C. (2003). *Gestão do currículo e avaliação de competências*. Lisboa: Editorial Presença.

Tavares, J. (1993). *Dimensão pessoal e interpessoal na formação*. Aveiro: Cidine.

Zabalza, M. A. (1989). *Diseño y desarrollo curricular*. Madrid: Narcea, S.A. de Ediciones



## **V – Anexos**

## **ANEXO 1**

**Imagem utilizada no exercício de introdução à unidade 1:  
“Raíces Populares”**

# Raízes populares



## Analisar a imagem e a citação

1. O que representa a imagem?
2. Que relação se pode estabelecer entre a imagem e a citação apresentada?

*«O tom e o espírito verdadeiro português esse é forçoso estudá-lo no grande livro nacional, que é o povo e as suas tradições e as suas virtudes e os seus vícios, e as suas crenças e os seus erros.»*

ALMEIDA GARRETT, *Romanceiro*

## **ANEXO 2**

### **Conto popular: “Enfiada de Petas”**



## A Enfiada de Petas

Era uma vez um homem que não pôde pagar a renda ao fidalgo de quem era caseiro, e foi-lhe pedir perdoança; o fidalgo pensou que o que ele estava era a mentir, e disse-lhe:

— Só te perdoo as medidas da renda se me disseres uma mentira do tamanho de hoje e amanhã.

Foi-se o lavrador para casa e contou a coisa à mulher, sem saberem como se haviam de arranjar com o senhorio, que os podia pôr no olho da rua. Um filho tolo, que tinha, disse:

— Ó meu pai, deixe-me ir ter com o fidalgo, que eu hei-de arranjar a coisa de modo que ele não tenha remédio senão dar a perdoança das medidas.

— Mas tu não atas coisa com coisa.

— Por isso mesmo.

Foi o tolo e pediu para falar ao fidalgo, dizendo que vinha ali pagar a renda. O fidalgo mandou-o entrar; ele então disse:

— Saberá Vossa Senhoria, que a anesa foi má, mas isso não faz ao caso; meu pai tinha tantos cortiços de abelhas que não lhe dava conta; pôs-se a contar as abelhas e acertou de lhe faltar uma; botou o machado às costas e foi procurar a abelha; achou-a pousada na carucha de uma amieira; vai ele cortou a amieira para caçar a abelha, que por sinal vinha tão carregadinha de mel, que ele crestou-a, e não tendo em que guardar o mel meteu a mão no seio e tirou dois piolhos e fez da pele dois odres que encheu, mas quando vinha a entrar em casa, uma galinha comeu-lhe a abelha; atirou à galinha com o machado para a matar, mas o machado perdeu-se entre as penas; chegou o fogo às penas, e depois que elas arderam é que achou o olho do machado; dali foi ao ferreiro para lho arranjar, e o ferreiro fez-lhe um anzol, com que foi ao rio apanhar peixes, e saiu-lhe uma albarda, tornou a deitar o anzol e apanhou um burro morto há três dias que pestanejava; botou-se a cavalo nele e foi ao ferrador para lhe dar uma mezinha, e ele deu-lhe o remédio de sumo de fava seca, mas nisto caiu-lhe um bocado num ouvido, onde lhe nasceu tamanho faval, que tem dado favas, que ainda aí trago quinze carros delas para pagar a renda a Vossa Senhoria.

O fidalgo, já enfadado, com tanta patranha, disse:

— Ó rapaz, tu mentes com quantos dentes tens na boca.

— Pois, senhor, está a nossa renda paga.

TEÓFILO BRAGA, *Contos Tradicionais do Povo Português*, vol. I

Teófilo Braga  
(1843-1924)

Foi poeta, jornalista e político, desempenhando as funções de Presidente da República durante escasso tempo (1915). A sua obra literária constitui uma abordagem pioneira da História da Literatura Portuguesa, dado que se debruça sobre os nossos usos e costumes, bem como sobre as tradições orais.



## **ANEXO 3**

### **Conversão do conto popular “Enfiada de Petas” em texto dramático**

## **Enfiada de petas**

### *Cena 1 ( no palácio, salão do trono )*

**Caseiro:** Senhor, sabeis decerto que a anesa foi má. A seara nem limpadura deu. Os animais morreram à míngua e...

**Fidalgo**( *interrompendo-o* ): Avia-te, homem, que eu tenho mais que fazer. Vou mandar conferir a renda.

**Caseiro:** Meu senhor, por Deus, peço-vos perdoança de algumas medidas. No próximo ano, com...

**Fidalgo:** Perdoança?! (sarcástico) Só se me disseres uma mentira tamanho de hoje e de amanhã.

### *Cena 2 ( em casa )*

**Caseiro:** Ai, mulher! Estamos desgraçados! Como é que a gente se vai arranjar?

**Rapaz:** Meu pai, deixe-me ir ter com o fidalgo, que eu arranjo maneira de ele não ter outro remédio senão perdoar a renda.

**Caseiro:** Mas tu não atas coisa com coisa.

**Rapaz:** Por isso mesmo. (*sai* )

### Cena 3 ( *no palácio* )

**Rapaz:** O meu pai tinha tantos cortiços de abelhas que não lhe dava conta; pôs-se a contar as abelhas e deu por falta de uma; pôs o machado às costas e foi procurá-la; deu com ela pousada numa árvore; cortou-a para caçar a abelha e, quando vinha a entrar em casa uma galinha comeu-a. Atira o machado à galinha para a matar, mas o machado perdeu-se entre as penas; puxou fogo às penas e, depois de elas arderem, é que achou o machado; dali foi ao ferreiro para lho arranjar, e o ferreiro fez-lhe um anzol com que foi ao rio apanhar peixe, mas apanhou um burro morto há três dias, que ainda pestanejava; botou-se a cavalo nele e foi ao ferrador para lhe dar uma mezinha, e ele deu-lhe o remédio de sumo de fava seca, mas nisto caiu-lhe um bocado num ouvido, onde lhe nasceu tamanho faval, que tem dado favas, que ainda aí trago quinze carros delas para pagar a renda a Vossa Senhoria.

**Fidalgo:** Ó rapaz, tu mentes com quantos dentes tens na boca!

**Rapaz:** Pois, senhor, está a nossa renda paga.



## **ANEXO 4**

### **Ficha de avaliação**

**EXTERNATO ANTÓNIO SÉRGIO**  
**LÍNGUA PORTUGUESA – 7º ANO**

NOME \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ TURMA \_\_\_\_\_

CLASSIFICAÇÃO \_\_\_\_\_ O PROFESSOR \_\_\_\_\_

O ENC. EDUCAÇÃO \_\_\_\_\_

I

**Lê atentamente a lenda que se segue:**

### **LENDA DE SANTA IRIA**

No século VII, vivia em Nabância, cidade da Lusitânia situada na margem esquerda do rio Nabão, a jovem Iria, filha de Henrique e de Eugénia.

Na margem direita deste rio, que os árabes chamaram Tomar, havia uma planície extensa onde hoje se levanta a cidade que tem aquele nome e é dominada pelo Convento de Cristo, que os Templários começaram a edificar em 1160.

Junto do rio, havia um convento de freiras, onde tinham professado duas tias paternas de Iria, e um outro convento de frades beneditinos, cujo abade era Célio, tio da Santa.

Desde menina, Iria dera provas de grande devoção e foi acolhida no convento onde as tias, Casta e Júlia, iniciaram a sua educação.

Chegada a idade de ser instruída nos livros sagrados, veio do convento beneditino Frei Remígio, escolhido para lhe ministrar essa instrução.

Iria era jovem e bonita, mas a beleza do corpo ficava muito longe da beleza da sua alma cândida e toda devotada a Deus.

Por esse tempo, Nabância era governada pelo Conde de Castinaldo, que tinha um filho, ainda novo, chamado Britaldo. Um dia, em que este, com os pais, foi ouvir missa à igreja de S. Pedro, viu Iria com as religiosas que assistiam também ao ofício divino. Impressionou-o a beleza e a candura daquela jovem, tão diferente das outras, e ficou perdido de amores. Mas vendo a impossibilidade de denunciar a sua paixão, adoeceu e recolheu à cama.

Os pais, que só tinham este filho e ignoravam a causa do mal, chamaram os médicos. Mas a medicina nada conseguiu.

O jovem Britaldo guardava o seu segredo e foi piorando, enfraquecendo dia após dia, até ficar no estado desesperado de salvação, com grande desgosto dos pais, que tudo faziam para poderem alcançar as suas melhoras.

Iria, no seu convento, foi avisada, em sonhos, do que se passava. Levada por inspiração divina, foi visitar o conde e pediu-lhe que lhe permitisse visitar o filho. Logo que este a viu, o seu rosto exprimiu uma intensa alegria, as suas forças voltaram, a sua cura foi quase instantânea. Os



velhos condes não cabiam em si de contentamento e por toda a parte apregoavam aquele milagre. Fizeram muitas ofertas ao convento, querendo exprimir com essas dádivas os seus agradecimentos.

Britaldo, gozando de perfeita saúde, compreendeu que seria loucura persistir no seu desejo e resignou-se a ver Iria a serva de Deus. Mas Frei Remígio, levado por tentação diabólica, mordido pelo ciúme de ter a sua educanda curado o jovem Britaldo e julgando que esse acto envolvia uma preferência amorosa, esqueceu o respeito que devia, a si e a ela, e confessou-

-lhe o seu amor.

Iria, sem se perturbar, falou-lhe da pureza das suas intenções ao visitar Britaldo, acto que praticara, como julgava, por inspiração divina. Remígio não acreditou e afastou-se, ameaçador e despeitado. Por meio de uma tisana, provocou-lhe uma doença e estabeleceu tal intriga, que o filho do conde julgou que Iria se perdia de amores pelo frade, depois de lhe ter jurado que não o podia amar, pois se dedicaria só a Deus.

Britaldo jurou vingar esta afronta e encarregou o seu criado, o moço cavaleiro Banam, de matar a jovem. Banam procurou executar as ordens do seu amo e espreitou todos os passos de Iria. Uma vez que ela foi orar sozinha a uma gruta, na margem do rio Nabão, matou-a e lançou o corpo na corrente.

As águas foram transportando aqueles restos mortais para o rio Zêzere e deste para o Tejo, tendo o cadáver ficado depositado nos areais, próximo de Santarém, coberto pelas águas do rio.

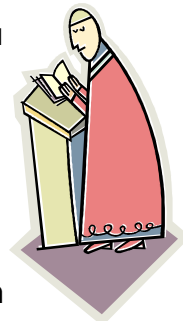
O desaparecimento da jovem Iria foi motivo de escândalo. Todos a culpavam, todos condenavam o seu suposto procedimento. Até as freiras falavam dela envergonhadas.

Mas Célio, o tio abade, não podia acreditar que o seu desaparecimento fosse voluntário. Conhecia a pureza da sua alma. Pedia a Deus que lhe revelasse a verdade, que lhe mostrasse onde a poderia encontrar. E, em sonhos, Deus fez-lhe a vontade.

Então, esperou a hora da missa dominical, subiu ao púlpito e contou a todos os fiéis o que acontecera. Para prova, iriam até às margens do Tejo onde o corpo se encontrava.

A notícia correu veloz. Os culpados foram os primeiros a virem confessar o seu crime. E o velho abade, acompanhado dos religiosos e de muito povo, dirigiu-se ao sítio indicado em sonho e todos viram que as águas se afastavam, deixando a descoberto um túmulo de mármore, depositado sobre a areia branca, no qual estava encerrado o corpo de Santa Iria.

Depois as águas voltaram a cobri-lo, e a lenda foi-se transmitindo de geração em geração.



**Responde de uma forma clara e completa às questões:**

1. Identifica as personagens intervenientes na acção desta lenda.

---

---

2. Classifica o narrador quanto à sua participação ou não na acção. Justifica a tua resposta.

---

---

3. Insere a acção no tempo e no espaço. Justifica a tua resposta com elementos textuais.

---

---

4. Transcreve do texto as expressões que caracterizam a jovem Iria.

---

---

---

4.1. Que tipo de caracterização acabaste de fazer?

---

---

5. Indica as características especiais deste texto que determinam a sua inserção no sub-género lenda.

---

---

---

6. Indica, desta lenda, um facto que seja real e outro que faça parte do maravilhoso.

---

---

---

**II**

1. Relembra os provérbios que analisámos na aula e completa os que se seguem:

- 1.1. Mais vale prevenir \_\_\_\_\_
- 1.2. Quem semeia ventos \_\_\_\_\_
- 1.3. Dá Deus nozes \_\_\_\_\_
- 1.4. Nem um dedo faz uma mão, \_\_\_\_\_
- 1.5. Não deixes para amanhã \_\_\_\_\_
- 1.6. Mais vale um pássaro na mão \_\_\_\_\_

### III

1. Utiliza os sinais de pontuação adequados, de forma a que as frases fiquem com sentido:

1.1. ó Maria despacha-te

---

---

1.2. d. Dinis o trovador escreveu bonitas cantigas medievais

---

---

1.3. que queres tu que eu faça responde-me homem de Deus

---

---

2. Explica a utilização dos sinais de pontuação utilizados na frase seguinte:

**- Os meus amigos João, Carlos, Daniel e Filipe são cá uns amigalhaços!**

---

---

---

---

3. Considera as expressões: **“Os pais, que só tinham este filho e ignoravam a causa do mal, chamaram os médicos. Mas a medicina nada conseguiu.”**

3.1. Indica um **sinónimo** de “só”.

3.2. Escreve uma frase na qual integres uma palavra **antónima** de “ignoravam”.

3.3. Cria uma frase na qual utilizes uma palavra **homónima** de “nada”.

3.4. Inventar uma frase na qual existam duas palavras **homófonas** e sublinha-as.

3.5. Indica dois pares de palavras **parónimas** e explica o facto de lhes atribuíres tal designação.

**4.** Reescreve as seguintes frases, mudando para a forma passiva as que estão na activa e vice-versa:

**4.1.** A Joana comprou uma linda toalha.

**4.2.** Estas flores foram apanhadas pelo jardineiro.

**4.3.** O irmão do Pedro ganhou o melhor prémio do concurso.

**4.4.** Os comboios de alta velocidade serão conduzidos por maquinistas experientes.

**4.5.** Aquele muro foi pintado pelo pai da Rita.

**5.** Indica o tipo e as formas das seguintes frases:

**5.1.** A Joana comprou uma linda toalha.

**5.2.** O que é que terá feito o rapaz?

**5.3.** Nunca como este peixe.

**5.4.** Não chegues atrasado!

**5.5.** Aquilo é que foi uma festa!

**5.6.** Eu cá não me comprometo.

## IV

Para além da lenda, outros textos há que fazem parte da tradição oral. Um deles é o provérbio. Num texto cuidado, inventa uma história que ilustre a mensagem de um dos seguintes provérbios, à tua escolha:

DEVAGAR SE VAI AO LONGE

QUEM NÃO ARRISCA, NÃO PETISCA

HOMEM PREVENIDO VALE POR DOIS

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

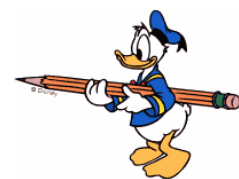
---

---

---

---

**BOM TRABALHO!**  
A professora: Carla Rocha



## **ANEXO 5**

### **Planificação Anual de Língua Portuguesa – 7º ano**



**EXTERNATO ANTÓNIO SÉRGIO – BERINGEL**  
**Planificação Anual - Língua Portuguesa 7º ano**

Ano lectivo: 2009/2010

UNIDADE	OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ACTIVIDADES	MATERIAL	AVALIAÇÃO	TEMPO
<b>Unidade 0:</b> “Vamos conhecer-nos”	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Promover o auto-conhecimento do aluno;</li> <li>. Conhecer a realidade da turma;</li> <li>. Estimular o relacionamento interpessoal;</li> <li>. Definir interesses e expectativas relativamente à disciplina;</li> <li>. Elaborar um contrato pedagógico;</li> <li>. Identificar as linhas gerais do programa;</li> <li>. Desenvolver o gosto pela leitura;</li> <li>. Realizar actividades de diagnóstico.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Expressão verbal em interacção;</li> <li>. Contrato pedagógico;</li> <li>. Leitura recreativa;</li> <li>. Expressão escrita.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Jogos de apresentação</li> <li>. Audição, leitura e exploração de poemas;</li> <li>. Exploração do manual;</li> <li>. Elaboração de acrósticos;</li> <li>. Observação e comentário de imagens;</li> <li>. Resolução de um teste diagnóstico.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Manual;</li> <li>. Caderno diário;</li> <li>. Quadro;</li> <li>. CD áudio</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Formativa</li> <li>. Diagnóstica</li> </ul>	+/- 6 tempos lectivos
<b>Unidade 1:</b> “Raízes populares”	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Aprofundar o gosto pessoal pela literatura oral;</li> <li>. Ler expressivamente;</li> <li>. Enriquecer o vocabulário;</li> <li>. Praticar a análise textual;</li> <li>. Apropriar-se de algumas regras de funcionamento da língua;</li> <li>. Desenvolver as competências de escrita;</li> <li>. Contactar com diferentes tipologias textuais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Expressão verbal em interacção;</li> <li>. Textos da literatura oral: <ul style="list-style-type: none"> <li>- provérbios;</li> <li>- adivinhas;</li> <li>- lengalengas;</li> <li>- quadras populares;</li> <li>- lendas;</li> <li>- fábulas;</li> <li>- contos populares.</li> </ul> </li> <li>. Funcionamento da Língua: <ul style="list-style-type: none"> <li>- A frase – tipos e formas;</li> <li>- Relações semânticas entre palavras (sinonímia e antonímia; hipónimos e hiperónimos); <ul style="list-style-type: none"> <li>- Homonímia, homografia, homofonia;</li> <li>- O campo lexical e o campo semântico;</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contacto com os textos apresentados;</li> <li>- Estudo da biografia de alguns autores visados;</li> <li>. Leitura / audição dos vários textos apresentados;</li> <li>. Declamação de textos;</li> <li>. Resolução de actividades.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Manual;</li> <li>. Caderno diário;</li> <li>. Quadro;</li> <li>. CD áudio;</li> <li>. Dicionário;</li> <li>. Transparências</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Formativa</li> <li>. Sumativa</li> </ul>	+/- 30 tempos lectivos

UNIDADE	OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ACTIVIDADES	MATERIAL	AVALIAÇÃO	TEMPO
<b>Unidade 1: “Raízes Populares”</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- A pontuação;</li> <li>. Expressão escrita.</li> </ul>				
<b>Unidade 2: “O texto narrativo”</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Aprofundar o gosto pela literatura;</li> <li>. Conhecer alguns excertos narrativos de obras nacionais e estrangeiras;</li> <li>. Ler metodicamente algumas obras narrativas;</li> <li>. Praticar a análise textual de excertos narrativos e obras integrais do programa;</li> <li>. Conhecer dados biográficos dos autores a estudar;</li> <li>. Reconhecer as categorias da narrativa;</li> <li>. Comentar a expressividade de alguns recursos expressivos;</li> <li>. Apropriar-se de algumas regras de funcionamento da língua;</li> <li>. Desenvolver as competências de escrita;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Expressão verbal em interacção;</li> <li>. O texto narrativo;</li> <li>. Funcionamento da Língua: <ul style="list-style-type: none"> <li>- O nome;</li> <li>- O adjectivo;</li> <li>- O verbo;</li> <li>- O advérbio;</li> <li>- As conjunções;</li> <li>- As funções sintácticas (sujeito, predicado, complemento directo, complemento indirecto, predicativo do sujeito, vocativo, complementos circunstanciais de modo, causa, companhia e fim);</li> <li>- O discurso directo e o discurso indirecto)</li> </ul> </li> <li>. Expressão escrita.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contacto com os textos apresentados;</li> <li>- Estudo da biografia de alguns autores visados;</li> <li>. Leitura / audição dos vários textos apresentados;</li> <li>. Resolução de actividades;</li> <li>. Reconto oral de alguns textos;</li> <li>. Pesquisa de algumas informações adicionais a propósito dos textos analisados;</li> <li>. Audição de alguns temas musicais alusivos aos textos em estudo.</li> <li>. Resolução de actividades</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>.Manual;</li> <li>. Caderno diário;</li> <li>. Quadro;</li> <li>. CD áudio;</li> <li>. Dicionário;</li> <li>. Transparências</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>.Formativa</li> <li>. Sumativa</li> </ul>	+/- 50 tempos lectivos

UNIDADE	OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ACTIVIDADES	MATERIAL	AVALIAÇÃO	TEMPO
<b>Unidade 3:</b> <b>“Textos da comunicação social e interpessoal”</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Aprofundar o gosto pela leitura de textos informativos e utilitários;</li> <li>. Conhecer a estrutura da notícia, da reportagem, da entrevista, do anúncio publicitário, da banda desenhada e da carta;</li> <li>. Contactar com símbolos da prevenção rodoviária;</li> <li>. Aprender a informação contida nos rótulos e etiquetas;</li> <li>. Analisar textos informativos e utilitários;</li> <li>. Comentar a expressividade de vários recursos estilísticos;</li> <li>.Aprofundar alguns conhecimentos relativos ao funcionamento da língua;</li> <li>. Desenvolver as competências de escrita;</li> <li>. Pesquisar dados decorrentes da abordagem dos textos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Expressão verbal em interacção;</li> <li>. A notícia;</li> <li>. A reportagem;</li> <li>. A entrevista;</li> <li>. O anúncio publicitário;</li> <li>. A banda desenhada;</li> <li>. Os símbolos da prevenção rodoviária;</li> <li>. As etiquetas;</li> <li>. Os rótulos;</li> <li>. A carta;</li> <li>. Expressão escrita.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>.Leitura/audição dos vários textos apresentados;</li> <li>.Resolução de actividades;</li> <li>. Recolha de notícias, reportagens e entrevistas;</li> <li>. Contacto com alguns símbolos utilitários e de prevenção rodoviária;</li> <li>. Observação de rótulos e etiquetas;</li> <li>. Elaboração de cartazes;</li> <li>.Resolução de actividades.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Manual;</li> <li>. Caderno diário;</li> <li>. Quadro;</li> <li>. CD áudio;</li> <li>. Transparências;</li> <li>. Cartolinas;</li> <li>. Jornais;</li> <li>. Revistas;</li> <li>. Etiquetas,</li> <li>. Rótulos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Formativa</li> <li>. Sumativa</li> </ul>	+/- 20 tempos lectivos
<b>Unidade 4:</b> <b>“O texto dramático”</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Aprofundar o gosto pela leitura de textos dramáticos e pelo teatro;</li> <li>. Conhecer aspectos gerais relacionados com a origem do teatro;</li> <li>. Contactar com os dados biográficos dos autores;</li> <li>. Reconhecer as categorias do texto dramático;</li> <li>. Distinguir as estruturas externa e interna;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>.Expressão verbal em interacção;</li> <li>. O texto dramático;</li> <li>. Funcionamento da Língua: <ul style="list-style-type: none"> <li>- As preposições e as locuções prepositivas;</li> <li>- A formação de palavras.</li> </ul> </li> <li>. Expressão escrita.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>.Leitura/audição das peças apresentadas;</li> <li>. Contacto com os dados biográficos dos respectivos autores;</li> <li>. Resolução de actividades;</li> <li>. Dramatização de excertos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Manual;</li> <li>. Caderno diário;</li> <li>. Quadro;</li> <li>. CD áudio;</li> <li>. Transparências;</li> <li>. Obra de leitura integral.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Formativa</li> <li>. Sumativa</li> </ul>	+/- 16 tempos lectivos

UNIDADE	OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ACTIVIDADES	MATERIAL	AVALIAÇÃO	TEMPO
<b>Unidade 4: “O texto dramático”</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Comentar a expressividade de vários recursos estilísticos;</li> <li>. Analisar excertos/textos dramáticos;</li> <li>.Aprofundar alguns conhecimentos relativos ao funcionamento da língua;</li> <li>. Desenvolver as competências de escrita;</li> <li>. Pesquisar dados decorrentes da abordagem dos textos.</li> </ul>					
<b>Unidade 5: “No mundo da poesia”</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Aprofundar o gosto pela leitura de textos poéticos;</li> <li>. Conhecer algumas noções de versificação;</li> <li>. Contactar com os dados biográficos dos autores;</li> <li>. Comentar a expressividade de vários recursos estilísticos;</li> <li>. Analisar textos poéticos;</li> <li>.Aprofundar alguns conhecimentos relativos ao funcionamento da língua;</li> <li>. Desenvolver as competências de escrita;</li> <li>. Promover a troca de impressões;</li> <li>. Pesquisar dados decorrentes da abordagem dos textos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Expressão verbal em interação;</li> <li>. O texto poético;</li> <li>. Funcionamento da Língua: <ul style="list-style-type: none"> <li>- As figuras de estilo;</li> <li>- Os pronomes.</li> </ul> </li> <li>. Expressão escrita.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Leitura/audição dos textos apresentados;</li> <li>. Contacto com os dados biográficos dos respectivos autores;</li> <li>. Resolução de actividades;</li> <li>. Elaboração de poemas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Manual;</li> <li>. Caderno diário;</li> <li>. Quadro;</li> <li>. CD áudio;</li> <li>. Transparências</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Formativa</li> <li>. Sumativa</li> </ul>	+/- 20 tempos lectivos